INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de licenciatura em Filosofia

WELLINGTON RODRIGUES DA SILVA

A DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO NA OBRA "MEDITAÇÕES", DE RENÉ DESCARTES

TERESINA

2016

WELLINGTON RODRIGUES DA SILVA

A DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO NA OBRA "MEDITAÇÕES", DE RENÉ DESCARTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

cód. 5823
100
J586d
Ex. 02

TERESINA

2016

ICSPI Biblioteca
13083 20/10/19

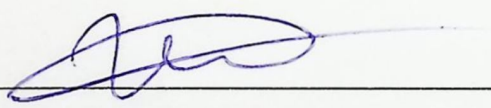
WELLINGTON RODRIGUES DA SILVA

A DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO NA OBRA "MEDITAÇÕES", DE RENÉ DESCARTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

Aprovado em, _____/_____/_____

Banca examinadora



Prof. Dr. Wellistony Carvalho Vianna (ICESPI) – Orientador

Elisângela Amaral Soares Osório

Professor (a) examinador (a)

Professor (a) examinador (a)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai João Bosco da Silva *(in memória)*, minha mãe Hilda Rodrigues Pinheiro e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, meu sumo bem, por esta conquista que é exatamente a conclusão do curso em Filosofia. Agradeço de modo especial ao Prof. Dr. Wellistony Carvalho Viana, meu orientador, sem a ajuda do qual não haveria em mim a instigação e o interesse à pesquisa filosófica acerca do tema deste trabalho. Agradeço imensamente a Dom Juarez, que fora o bispo titular da diocese de Oeiras durante o meu itinerário filosófico, hoje bispo da diocese de Parnaíba. Não posso deixar de mencionar o meu irmão de caminhada Welson Barbosa pela correção ortográfica deste trabalho. Agradeço a minha turma, pela amizade recíproca. Agradeço também aos amigos John Elves, Arnon Santos, Kaio Barros, Nailson Silva pelo carinho dispensado a mim. Agradeço ao seminarista da diocese de Picos, Cláudio Santana, pela amizade e disponibilidade de livros para o desenvolvimento desta pesquisa. Enfim, agradeço de forma particular aos meus familiares na pessoa da minha querida e amada vó Júlia, pelo apoio e pela formação da minha personalidade.

"De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse ela não deixaria de ser tudo o que é".

René Descartes

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito apresentar a distinção entre mente e corpo, usando como referência filosófica René Descartes – o pensador que inaugura as inquirições sobre o tema com suas obras *Discurso sobre o método* e *Meditações Metafísicas*. Na primeira seção é realizada uma relevante exposição da teoria dualista de René Descartes, com especial ênfase em suas concepções a respeito da "mente" (ou "coisa pensante") e do corpo (ou "coisa extensa"). Além disso, discutimos a interação existente entre estas duas substâncias, já que Descartes sustenta não somente a noção de dualidade, mas também a de relação causal entre as duas substâncias. Na segunda, são abordadas as críticas ao dualismo cartesiano na teoria da identidade mediante as objeções contidas nos trabalhos de Gilbert Ryle e Ullin T. Place, bem como a insuficiência da teoria da identidade, uma vez que esta teoria não oferece respostas satisfatórias para o problema mente-corpo. Na terceira seção são apresentados os três argumentos para a distinção entre mente e corpo, a saber: "o argumento da dúvida", "o argumento da percepção clara e distinta" e "o argumento da indivisibilidade da mente". Estes têm como escopo a corroboração da distinção entre mente e corpo estabelecida por Descartes.

Palavras-chave: Descartes; Mente; Corpo; Dualismo cartesiano; Teoria da identidade.

ABSTRACT

The present work aims to present the distinction between mind and body, using as a philosophical reference René Descartes - the thinker who inaugurates the inquiries about the theme with his works *Discourse on Method* and *Metaphysical Meditations*. In the first section a relevant exposition of Descartes' dualist theory is made, with special emphasis on his conceptions of "mind" (or "thinking thing") and body (or "extended thing"). Moreover, we discuss the interaction between these two substances, since Descartes maintains not only the notion of duality, but also that of causal relation between the two substances. In the second, criticisms of Cartesian dualism in identity theory are approached through the objections contained in the works of Gilbert Ryle and Ullin T. Place, as well as the insufficiency of identity theory, since this theory does not offer satisfactory answers to the Mind-body problem. In the third section, the three arguments for the distinction between mind and body are presented, namely, "the argument of doubt," "the argument of clear and distinct perception," and "the argument of indivisibility of mind." These arguments corroborate the distinction between mind and body established by Descartes.

Keywords: Descartes; Mind-Body problem; Cartesian dualism; Theory of identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1. A DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO.....13

1.1 A mente na doutrina cartesiana.....14

1.2 O corpo na doutrina cartesiana.....17

1.3 A interação entre a mente e o corpo.....19

2. CRÍTICAS AO DUALISMO CARTESIANO NA TEORIA DA IDENTIDADE.....24

2.1 A crítica de Gilbert Ryle.....26

2.2 A crítica de Ullin T. Place.....28

2.3 A insuficiência da teoria da identidade.....30

3. TRÊS ARGUMENTOS PARA DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO.....33

3.1 O argumento da dúvida.....34

3.2 O argumento da percepção clara e distinta.....36

3.3 O argumento da indivisibilidade da mente.....39

CONCLUSÃO.....42

REFERÊNCIAS.....45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho elencará a reflexão filosófica de René Descartes acerca da distinção entre mente e corpo, principalmente nas *Meditações Metafísicas*, precisamente na *Segunda e Sexta* meditações. O objetivo desta pesquisa é apresentar esta distinção substancial estabelecida por Descartes, bem como as críticas ao dualismo cartesiano e os argumentos que confirmam a distinção entre mente e corpo.

René Descartes (*latinizado cartesius*) nasceu em La Haye em 1596. Enviado ao colégio jesuíta de La Fléche, em Anjou, obteve depois a licenciatura em direito pela Universidade de Poitiers. De 1618 a 1620 se arrolou em vários exércitos que participavam da Guerra dos Trinta Anos; em novembro de 1619 teve uma "revelação intelectual" a respeito dos fundamentos de nova ciência: a intuição foi desenvolvida mais a frente, sobretudo nas incompletas *Regras para a guia do intelecto* (1627-1628). De 1629 a 1649 viveu na Holanda, onde publicou suas obras mais importantes: *o Discurso sobre o método* (1637), *as Meditações metafísicas* (1641), *os princípios de filosofia* (1644) e *As paixões da alma* (1649). Em 1649, aceitou o convite da rainha Cristina da Suécia e deixou definitivamente a Holanda, mas em fevereiro de 1650 foi acometido de uma pneumonia que em uma semana o levou à morte. Depois deste breve relato sobre a vida de Descartes já podemos nos aprofundar um pouco mais acerca do assunto desta pesquisa.

Descartes, portanto, desenvolve uma nova forma de pensar. Pois ele ressignifica o debate sobre a mente e o corpo que suscitou na antiguidade. Ou seja, ele retoma a reflexão sobre a natureza, distinção e interação entre a mente e o corpo estabelecendo não somente a noção de distinção entre mente e corpo, mas também a noção de interação entre ambas as substâncias. Este debate sobre o problema mente/corpo desperta um grande interesse tanto da parte dos filósofos do século XVII quanto dos filósofos da atualidade.

No capítulo I deste trabalho, um aspecto de suma importância que abordaremos é exatamente esta diferença estabelecida por Descartes, ou seja, a tese dualista cartesiana, pela qual o ser humano é composto de mente e corpo. Esta tese dualista, sem dúvida, faz uma exibição da distinção substancial mostrando o grande papel da filosofia cartesiana no labor de tal discussão. Compreenderemos também que a doutrina cartesiana pretende sustentar a noção de interação entre a mente e o corpo, pois embora o filósofo moderno tenha apresentado a substância mental independente da substância material, ele sustenta a noção de interação entre elas. Segundo ele, a mente é totalmente distinta do corpo e literalmente misturada a ele.

A temática sobre esta distinção se fez presente em muitos discursos filosóficos, com muitas objeções e respostas para tal questão. Encontra-se em muitas correntes filosóficas discussões sobre a diferença entre estas duas substâncias. Os filósofos que se envolveram na discussão perscrutavam a verdade sobre tal assunto. A mente é realmente diferente do corpo? O que faz a substância espiritual ser distinta da substância material? Como vimos, René Descartes estabelece a diferença substancial, portanto, sustenta uma posição dualista. Mas, esta posição cartesiana não foi aceita por todos. Muitos filósofos a rejeitaram e aceitaram um monismo substancial. Isto é, uma posição contrária ao pensamento cartesiano. Esta posição diz que a mente não é distinta do corpo, mas sim idêntica a ele. A partir desta informação devemos considerar que o dualismo cartesiano não está só no que tange a analise da distinção entre mente e corpo, mas também abre espaço para uma abordagem fisicalista.

Desta forma, no capítulo II abordaremos as críticas ao dualismo cartesiano na teoria da identidade. É uma posição que não condiz com a posição dualista cartesiana. Ela é considerada um tipo de monismo. O tipo predominante é o *fisicalismo*: a formação básica do universo é constituída apenas de entidades físicas. Por isso, a consciência pode ser reduzida (fisicalismo reducionista) ou não (fisicalismo não-reducionista) a entidades físicas. Esta teoria, suscitada na Filosofia da mente, afirma que a mente é idêntica ao corpo, ou seja, que os eventos mentais são eventos neuronais. Enfatizaremos mediante esta teoria fisicalista as críticas suscitadas no período contemporâneo através de dois filósofos desta teoria, a saber: Gilbert Ryle (um dos primeiros a defender a teoria) e Ullin T. Place (outro renomado defensor dela). Estes dois filósofos corroboram a identidade entre mente e corpo, rejeitando o dualismo apresentado por Descartes. Além das críticas dos dois filósofos fisicalistas, apresentaremos a insuficiência da teoria da identidade na explicação do problema mente/corpo.

Os debates acerca da distinção entre mente e corpo, ao longo do tempo, ficaram cada vez mais intensos. Uma corrente defende o dualismo e outra o monismo. Cada uma refletindo sob um olhar diferente, mas sempre em busca de um único objetivo: encontrar a verdade sobre o assunto em discussão. Esta discussão foi iniciada na modernidade e perdura até os dias de hoje. É de suma importância o debate atual sobre o assunto, pois com o aperfeiçoamento da teoria cartesiana na filosofia da mente, percebe-se a riqueza de pensamentos e posições que dizem respeito ao problema que tantos procuram resolver. É notório que alguns filósofos contemporâneos que são considerados pensadores da teoria da Identidade, criticam a teoria cartesiana ferrenhamente. A teoria da identidade, como já percebemos, afirma que não há nenhuma diferença entre ambas as substâncias. Percebemos, pois, a partir desta afirmação, que os filósofos desta teoria são fisicalistas. Isto é, identificam o

mental ao físico. E estes dois filósofos contemporâneos, críticos da teoria cartesiana, sem dúvida, fazem parte destes debates filosóficos acerca do problema mente/corpo, visando sempre uma possível solução.

Por isso, neste trabalho, encontraremos um combate entre a teoria de René Descartes acerca do problema mente e corpo com a dos críticos que sustentam uma posição monista. Desta forma, pretende-se apresentar as críticas da distinção entre mente e corpo da teoria da identidade, formuladas por estes filósofos naturalistas. Estas críticas distanciam-se da posição de René Descarte estabelecida no século XVII. Uma vez que estes críticos contemporâneos são fisicalistas, rejeitam qualquer distinção entre mente e corpo.

No capítulo III explanaremos os três argumentos que corroboram a distinção entre mente e corpo, a saber: "o argumento da dúvida", "o argumento da percepção clara e distinta" e "o argumento da indivisibilidade da mente". Estes argumentos esclarecem a distinção substancial, mostrando que a mente é realmente diferente do corpo. Eles tentam demonstrar que há uma separação relevante entre a substância mental e a substância material, refutando as críticas apresentadas pela teoria da identidade. O primeiro apoia-se na indubitabilidade da mente; o segundo na noção de percepção clara e distinta das duas substâncias separadamente; e o terceiro na noção de indivisibilidade da mente.

Uma vez que não está solucionado o problema em discussão, faz-se necessária a continuidade das investigações. Na atualidade existem alguns filósofos que investigam o problema em discussão, a fim de que possam auferir a verdade do conteúdo pesquisado. Os filósofos dualistas atuais, por exemplo, mesmo sendo alvos de críticas, permanecem sustentando a teoria de René Descartes que afirma que a mente é algo distinto do corpo. Desta forma, a discussão torna-se muito importante para o mundo acadêmico, uma vez que se precisa de uma solução clara e verídica para o problema que é considerado um mistério para muitos. Desta forma, ao longo da pesquisa será possível perceber que a questão da distinção entre mente e corpo é relevante. Por isso, é imprescindível a discussão filosófica sobre este assunto mente-corpo àqueles que perscrutam a verdade.

1. A DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO

Desde a antiguidade reflete-se sobre a natureza da alma (ou mente) e do corpo (ou matéria). Alguns filósofos antigos tais como Platão e Aristóteles, apontavam para aquilo que julgavam ser as peculiaridades especiais da mente, como, por exemplo, a imaterialidade e a imortalidade. O corpo, na maioria das vezes, era concebido por alguns filósofos, e principalmente por Platão, como uma prisão para o espírito. "[...] Era o cárcere da alma e só a morte a libertava [...]" (COSTA, 2008, p. 1). Este filósofo compreendia a alma como algo separado do corpo, sendo a alma eterna e o corpo finito. A distinção entre estas duas substâncias (mente e corpo) instigaram muitos filósofos a refletirem acerca da interação entre elas. Entre estes filósofos destacaremos neste trabalho René Descartes, o qual responde a esta questão. Este filósofo moderno mantem a distinção entre mente e corpo utilizando-se das ideias de Platão e estabelece a interação entre as duas substâncias inspirado em Aristóteles, diferente da teoria platônica este defende a interação entre mente e corpo.

> O dualismo cartesiano trouxe novidades em relação ao dualismo antigo. A principal diferença é que Descartes pensa a pessoa como um composto de duas substâncias independentes que interagem entre si. Platão não se colocava o problema da interação, pois pensava que a pessoa é idêntica a sua alma imortal, presa a um corpo, considerado como cárcere. Descartes não só distingue alma e corpo, mas tematiza a interação entre as duas substâncias, originando toda a discussão a respeito da causalidade mental [...] (VIANA, 2016, p. 26).

A filosofia de Descartes ressignifica na modernidade um grande debate que já existia na antiguidade. Ele retoma a reflexão sobre a natureza, distinção e interação entre a mente e o corpo por meio do problema entre o monismo e o dualismo. O monismo é a doutrina segundo a qual existe somente uma substância no universo. Já o dualismo, em contra partida, sustenta a posição segundo a qual existem duas substâncias no universo. Esta última doutrina confirma a distinção entre mente e corpo estabelecida pelo filósofo francês.

O próprio René Descartes afirma que há duas realidades totalmente distintas uma da outra, uma vez que sua filosofia é centrada nesta posição dualista. Em *Meditações Metafísicas*, Descartes (2000, p.128) afirma: "Assim, para começar esse exame, observo aqui; primeiramente, que há uma grande diferença entre o espírito e o corpo, pelo fato de o corpo, por sua natureza, ser sempre divisível e de o espírito ser inteiramente indivisível". Percebe-se, pois, que ele leva a sério a diferença substancial. Será que a mente e o corpo são realmente coisas distintas? Ou são coisas idênticas? Eis aí um problema relevante! Segundo Descartes,

há uma diferença entre as duas substâncias, bem como uma interação entre elas. E ele percorre um caminho, a fim de explicitar este assunto.

O dualismo cartesiano compreende a tese de que o ser humano é constituído por duas substâncias, a saber: a mente, ou coisa pensante (*res cogitans*), e o corpo, ou coisa extensa (*res extensa*). Como coisas de naturezas distintas, mente e corpo possuem atributos diferentes: o pensamento, no caso da substância pensante, e a extensão em comprimento, largura e profundidade, no caso da substância física. A distinção e independência entre corpo e alma configuram a dicotomia entre matéria e espírito na doutrina de Descartes. É de suma importância entender que na doutrina cartesiana os termos "alma" (*animus*), "espírito" (*spiritus*) e "mente" (*mens*) são considerados sinônimos [1]; são designações para a *res cogitans* – a coisa pensante.

Abordaremos, portanto, a tese dualista cartesiana, pela qual o ser humano é composto de mente e corpo, ambas concebidas como substâncias completamente distintas. Compreenderemos também que a doutrina cartesiana pretende sustentar a noção de interação entre a mente e o corpo.

Para uma melhor compreensão da distinção abordaremos separadamente as concepções de mente e corpo da doutrina cartesiana. Além disso, faz-se necessária, de igual modo, para uma clara compreensão do assunto, a abordagem acerca da relação substancial, ou interação entre mente e corpo, pois Descartes não rejeita a relação existente entre as duas substâncias, embora o filósofo tenha enaltecido a sua teoria acerca da distinção entre mente e corpo.

1.1 A mente na doutrina cartesiana

É na sua obra *Discurso do Método*, publicada em 1637, que Descartes trata pela primeira vez a respeito da mente. Ele retoma o assunto em *Meditações Metafísicas*, de 1641, e o faz tendo percorrido um itinerário argumentativo que é o seguinte: convencido de que a maior parte dos ensinamentos que havia recebido da tradição filosófica até então não poderiam ser ditos como seguros, por conta das falsas opiniões como se fossem verdadeiras, Descartes propõe colocar sob dúvida todas as crenças, inclusive a de que havia um mundo que o cercava, de que tinha um corpo e, enfim, até mesmo das coisas que tinha por mais certas e

[1] Não obstante a tradução de "*mens*" por "mente", o que Descartes entendia por mente é divergente da maioria das teorias contemporâneas da mente, basicamente porque, para a doutrina cartesiana, "mente" é uma entidade independente do corpo, inclusive do cérebro, definição hoje discutida e recusada.

verdadeiras. O método da dúvida se estende primeiramente aos sentidos por sua história de enganos perceptivos. Por exemplo: quando se vê uma torre distante, ela nos parece redonda, mas quando chegamos perto, a percebemos quadrada. Por uma série de outras situações em que os sentidos nos enganaram, a doutrina cartesiana coloca a questão: o que os sentidos nos informam sobre o mundo pode ser confiável? Aquilo que uma vez nos enganou deve ser colocado em dúvida. Descartes está questionando a percepção sensível como fundamento do conhecimento seguro.

Esta dúvida apresentada por ele é conhecida como *dúvida metódica*, ou *hiperbólica.* De acordo com Scribano (2007, p. 30), "a dúvida é hiperbólica porque transforma a dubitabilidade em um juízo de falsidade. Desta maneira, o exercício da dúvida é utilizado para colocar temporariamente entre parênteses todas as opiniões que ocuparam a mente até agora". Portanto, com este exercício percebe-se uma suspensão das crenças sobre todas as coisas, mas algo parece resistir: o pensamento. O filósofo francês, ao duvidar de tudo, percebe que algo é resistente à sua dúvida:

> [...] após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2000, p. 43).

Desta forma, o pensamento é considerado por René Descartes como algo verdadeiro. "[...] eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Disse-o: uma coisa que pensa [...]" (DESCARTES, 2000, p. 46). "[...] De fato, não posso duvidar de que estou duvidando, pois mesmo duvidando continuo pensando [...]" (VIANA, 2016, p. 27). O "Penso, logo existo" pode ser entendido como "eu sou enquanto pratico a arte de pensar". Deste modo, enquanto o "eu pensante" estiver duvidando ele estará pensando. Afinal, o duvidar é também pensar.

Além disso, Descartes (2000, p. 41) afirma no título da sua "II Meditação" que "a natureza da mente é mais fácil de conhecer do que o corpo". De acordo com a reflexão de Skirry (2010, p. 62), pode-se concluir que: a motivação para fazer tal afirmativa é mitigar a visão de que as coisas que vemos, ouvimos, tocamos, sentimos o gosto e o cheiro são mais fácil de conhecer do que aquelas que só podemos perceber ou entender com a mente, tais como a alma e Deus. Portanto, Descartes quer abrir os olhos daqueles que acreditam ser mais fácil conhecer a natureza do corpo do que a natureza da mente. Em outras palavras, o filósofo deseja apresentar um verdadeiro conhecimento àqueles que permanecem no erro.

Percebe-se, pois, que a existência do corpo é dubitável, mas a mente é indubitável. Ou seja, aquilo que eu considero ser meu corpo talvez não exista. Todavia, tenho certeza que a minha mente é algo existente. Desta maneira, se posso duvidar da existência do corpo e não da mente, então há uma independência da mente para com o corpo.

A mente independe do corpo para existir. E, sobre esta independência, na sua obra *Princípios da Filosofia*, Descartes deixa mais nítida a existência da mente sem a matéria. Assim ele explica:

> [...] Examinando aquilo que somos, nós que imaginamos agora que nada existe fora do pensamento que verdadeiramente seja ou que exista, imaginamos, com clareza, que, para ser, não necessitamos de extensão, de figura, de estar em qualquer lugar, nem de outra qualquer coisa que possa ser atribuída ao corpo, e que somos somente porque pensamos (1968, p. 53-54).

Desta forma, após um exame profundo acerca do "eu pensante", o filósofo moderno não o considera algo material, ou seja, que possua extensão. O pensamento é isento de qualquer tipo de base física. Ele não necessita de um espaço como uma cadeira que ocupa um lugar numa determinada casa. Jamais conseguiremos partir ao meio a mente, a não ser que um dia seja comprovado que na mente contém alguma base física e o ser humano seja capaz de apalpá-la. Portanto, conceber a mente como algo físico é aplicar extensão a mesma. É dar uma função que não é própria da mente, pois sua função é pensar. E se sua função é pensar, então ela é inextensa. Cottingham (1999, p. 26) explica a razão pela qual Descartes sustenta esta inextensão, ou imaterialidade da mente:

> Aquilo em que ele insiste é que o pensamento não deve ser identificado com esses ou com quaisquer outros processos físicos, já que é, em sua natureza essencial, distinto do domínio material, sendo na verdade, em princípio, capaz de existir na ausência absoluta de qualquer substrato físico.

Neste caso, mediante a visão de Cottingham, inspirada na posição cartesiana, o mental independe do material para existir. Por conseguinte, o pensamento não pode ser considerado como algo físico, pois o físico não é essencial a ele. As propriedades do mundo mental se diferem das propriedades do mundo físico. Ou seja, o "que faz" com que o mental seja mental é diferente "do que faz" com que o físico seja físico. São características totalmente distintas.

A mente é uma realidade inextensa, ao passo que o corpo é extenso. Trata-se, pois, de duas realidades que nada têm em comum. Por esta razão, fica claro que a largura, o

comprimento e a profundidade são medidas que não podem ser aplicadas à mente, uma vez que são propriedades físicas.

Na sua sexta Meditação, Descartes demonstra a existência dos corpos e, em particular, a existência do corpo que chamo meu e que, embora haja a união íntima entre mente e corpo, ele é radicalmente diferente da substância espiritual. Descartes supunha que mente e matéria teriam propriedades distintas. Um pedaço de matéria, mesmo sendo o menor possível, seria sempre divisível. Já as ideias ou "[...] tudo aquilo que chamamos de estados mentais – dor, crenças, desejos, amor, convicções, planos, espiritualidade [...]" (VIANA, 2016, p. 19), não se podem considerar como "coisas" divisíveis, mas sim indivisíveis. A mente não é algo produzido ou uma função de qualquer parte física de nosso corpo, nem mesmo do cérebro.

Portanto, segundo Descartes, a mente é distinta do corpo. As propriedades de um não condizem com as propriedades do outro. Pois o corpo é material e, consequentemente, é algo mortal. No entanto, a sua mente permanece viva, ou seja, é algo imortal. Ela não perece. Ao contrário, ela continua viva mesmo com a ausência de uma base física.

1.2 O corpo na doutrina cartesiana

De acordo com Cottingham no seu dicionário sobre Descartes (1995, p. 44-45),

> É preciso muito cuidado ao se traduzir esse termo de importância crucial, *corpus* ("corpo"), que com tanta frequência aparece nas *Meditações* e nos *princípios*. Às vezes o termo se refere a "corpo em geral", isto é, à matéria ou "substância corpórea" – à coisa que está por toda parte, indefinidamente extensa em três dimensões, e que constitui o universo físico [...]. Em muitas outras ocasiões, Descartes utiliza *corpus* no sentido mais comum (como substantivo contável), para designar "um corpo" (como uma rocha, um pedaço de ferro, ou um corpo celestial, como um planeta) [...]. Em alguns casos, Descartes em um mesmo parágrafo, utiliza-se do termo *corpus* no sentido mais comum, referindo-se a "um corpo", e, em seu sentido mais técnico, designando "a substância corpórea em geral" [...]. Finalmente, Descartes às vezes usa a palavra *corpus* para referir-se ao corpo humano [...].

Mesmo que Descartes se refira em vários casos diferentes à ideia de corpo, este sempre será material. E, portanto, distinto da mente. Neste caso, "[...] a extensão em comprimento, largura e profundidade é, para Descartes, a característica definidora da matéria ou 'substância corpórea'[...]" (COTTINGHAM, 1995, p. 65), e isto significa que ele ocupa lugar no espaço e suas medidas podem ser quantificadas. Somente a propriedade de ser

extenso em comprimento, largura e profundidade caracteriza a natureza da matéria, não necessitando de nenhuma propriedade mental para ser definida.

Embora René Descartes não tenha encontrado uma prova da existência do corpo já no início de suas *Meditações metafísicas*, ele apresenta mediante a análise do pedaço de cera, na "II Meditação", as condições em que pode estar seguro do conhecimento da essência do corpo, muito embora, sua existência não tenha sido provada:

> Tomemos como exemplo este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia; ainda não perdeu a doçura do mel que continha, ainda retém algo do aroma das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são patentes; é duro, é frio, se o toca e, se baterdes nele, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem fazer conhecer distintamente um corpo encontram-se neste. Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor se exala, o aroma esvanece, sua cor muda, sua figura se perde, sua grandeza aumenta, torna-se líquido, aquece-se, mal se pode tocá-lo e, embora se bata nele, não produzirá mais nenhum som. Permanece a mesma cera depois dessa mudança? É preciso admitir que permanece, e ninguém o pode negar. Então, o que se conhecia com tanta distinção nesse pedaço de cera? Por Certo não pode ser absolutamente nada de tudo o que nele observei por intermédio dos sentidos, porquanto todas as coisas que caíam sob o paladar, ou o olfato, ou a visão, ou o tato, ou a audição, acham-se mudadas, e no entanto a mesma cera permanece. [...] Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Por certo nada mais permanece senão algo de extenso, flexível e mutável (DESCARTES, 2000, p. 49-50).

Esta análise do pedaço de cera mostra-nos que a cera sofreu inúmeras variações. Mas, mesmo assim, podemos reconhecê-la como a mesma cera. Além disso, informa-nos que aquilo que a identifica como cera não depende de variações sensíveis, não sendo, portanto, percebido pelos sentidos. Ela não é a doçura, nem o aroma, nem a brancura, mas somente um corpo, que antes se apresentava de uma maneira e depois de outra. Deste modo, somente a extensão permanece depois de todas as variações. Mas não se trata desta ou daquela extensão em particular, mas da extensão como característica essencial. Ou seja, a identidade do pedaço de cera como o mesmo pedaço de cera antes de ser exposto ao fogo é algo que o pensamento, e não os sentidos, podem alcançar. "[...] A cera aparece aos sentidos de várias maneiras cambiantes, mas aquilo em que realmente consiste permanece o mesmo ao longo de todas essas mudanças sensíveis e é percebido apenas pela mente [...]" (SKIRRY, 2010, p. 63). Por isso, a extensão só pode ser inteligida pelo pensamento. Mesmo que as coisas materiais não existam, podemos auferir o conhecimento indubitável daquilo que é sua essência, porque ela é a ideia clara e distinta da extensão. Em outras palavras, mesmo que não haja aquilo que o

UFPI - Biblioteca
13083 10/10/19

filósofo moderno chama de corpo, podemos conhecer o que ele é essencialmente, uma vez que a essência das coisas não depende dos sentidos para ser conhecida, mas da mente.

Por natureza dos corpos a doutrina cartesiana não se refere às aparências, isto é, cores, texturas, durezas que afetam nossos sentidos. Pois o conhecimento da essência do que quer que seja nesta doutrina faz-se pelo que dela concebemos, e não pelo que sentimos. Não conhecemos a matéria através da sensação, mas pelo entendimento [2]. "[...] É preciso então estar de acordo que eu não poderia mesmo conceber pela imaginação o que é essa cera e que apenas o meu só entendimento o concebe [...]" (DESCARTES, 2000, p. 51).

O corpo tem por essência a extensão. Por isso, pode-se afirmar que há uma distinção importante entre corpo e mente, uma vez que a mente é puro pensamento. E sendo puro pensamento ela não contém matéria. "[...] A existência da segunda é garantida no próprio ato do pensamento; a existência da primeira é garantida pela bondade de Deus [...]" (JATOBÁ, 2011, p. 65). Portanto, a essência do corpo não condiz com a essência da mente.

1.3 A interação entre mente e corpo

O argumento da doutrina cartesiana acerca da distinção entre as duas substâncias era bastante convincente e exerceu grande fascínio entre os filósofos contemporâneos de Descartes, tais como Pierre Gassendi, Mersenne (editor e amigo de Descartes) e Thomas Hobbes. Mas logo uma dificuldade começou a ser apontada. Esta dificuldade diz respeito à explicação da interação entre duas substâncias de propriedades distintas. Segundo Heil (1998, p. 39), "a dificuldade tornou-se imediatamente óbvia para os contemporâneos de Descartes". Por exemplo,

> O que Gassendi questiona é que a mente não pode fazer o corpo mover-se, porque sua natureza imaterial a impede de entrar em contato com o corpo, o que é necessário para uma coisa dar movimento a outra [...]. Por isso, se mente e corpo são completamente diferentes, parece que não há explicação inteligível para o movimento corpóreo voluntário. Este é o problema comumente chamado da interação causal mente/corpo (SKIRRY, 2010, p. 173-174).

---

[2] "Entendimento" possui duas conotações no sistema cartesiano. Num sentido mais geral, "entendimento" é sinônimo de "coisa que pensa", "espírito" e "alma". E num sentido mais específico, "entendimento" é apenas uma das faculdades da alma, cuja habilidade é ter percepções claras e distintas. Neste primeiro momento, estamos utilizando "entendimento" num sentido mais geral.

Deste modo, Gassendi não acredita numa interação causal entre as duas substâncias, uma vez que são totalmente diferentes. Se a alma e o corpo são distintos e se a mente é imaterial, como poderia ela influir sobre nossas ações? Será que a minha mente é capaz de fazer com que eu me movimente para pegar o meu livro que está sobre a mesa? Será que esta interação é realmente possível? Nunca poderíamos imaginar que algo imaterial (alma) pudesse afetar algo material (corpo). Estas perguntas são pertinentes, pois evidenciam o problema da interação causal mente/corpo. Este problema foi enfatizado pelos filósofos contemporâneos de Descartes. E, não obstante tenha suscitado no período moderno, é muito discutido nos dias atuais.

Scribano, em seu *Guia para a leitura das meditações de Descartes*, relata os modelos mediante os quais Descartes traça o seu caminho para estabelecer uma visão melhor sobre a interação entre as duas substâncias, já que foi suscitado um problema. Dá-se da seguinte forma o comentário:

> O caminho que Descartes percorre é, portanto, o de assumir tanto o modelo platônico das duas substâncias distintas quanto o modelo aristotélico da união substancial. A mente e o corpo são duas substâncias realmente distintas, e assim Platão tem razão contra Aristóteles, e desse modo todas as idéias intelectuais têm uma origem não sensível; mas Platão errou diante de Aristóteles, porque o tipo de união entre a mente e o corpo não é de modo algum o platônico, construído na metáfora do piloto e do barco [...] (SCRIBANO, 2007, p.155).

Portanto, é evidente que Descartes assume tanto o modelo platônico quanto o aristotélico, a fim de responder às objeções voltadas para o que ele chama de união substancial. O modelo platônico afirma que há uma distinção entre mente e corpo, não havendo nenhuma união entre as duas substâncias. Já o modelo aristotélico afirma que há uma união, não havendo nenhuma separação entre as duas substâncias.

Não obstante Descartes tenha sustentado a tese dualística, argumentando a distinção entre corpo e mente, sua doutrina procura defender uma outra noção, a da "união substancial" entre corpo e mente. Segundo esta noção, corpo e mente estão unidos no ser humano, de modo que há uma "mistura" entre eles. Embora o corpo seja distinto da mente, isso não impossibilita a mente de ser causalmente eficaz no mundo físico (corpo) e que, portanto, o mundo físico seja intimamente concatenado ao mundo não-físico (mente).

É na sua "VI Meditação" que Descartes trata com precisão da noção de interação entre mente e corpo. Pois nesta meditação ele já provou a existência da mente, do corpo e de Deus. A mente, o corpo e Deus são as únicas três substâncias existentes para Descartes. Segundo ele, estas substâncias são necessárias para defender a união entre a mente e o corpo. O

É preciso notar que estranhas interações psicofísicas, isto é, eventos surgidos da influência ou ação recíproca entre o corpo e a mente não podem ser explicadas claramente pelo dualismo de Descartes. Mas a experiência na vida prática, segundo a doutrina cartesiana, faz-nos sentir e não podemos negar que tenhamos sentimentos, embora nossa vontade possa não querer. De acordo com a perspectiva cartesiana, "nada há que essa natureza me ensine mais expressamente, nem mais sensivelmente do que o fato de que tenho um corpo que está mal disposto quando sinto dor..." (DESCARTES, 2000, p.121, grifo nosso). Neste sentido, o corpo faz a mente ter determinadas paixões ou sentimentos. Portanto, podemos dizer que a sensação e a paixão configuram-se como um fato irrecusável para a sensibilidade no sistema cartesiano, e mais do que isso, neste domínio, a unidade substancial é um fato possível [3].

De acordo com Mondin (1981, p.71), "esta união não é tão profunda como pensava Aristóteles, [...] mas também não tão superficial como pensava Platão [...]. Para Descartes a alma e o corpo estão unidos, mas apenas num ponto: na glândula pineal". É mediante esta glândula pineal que Descartes propõe esta união entre mente e corpo. Ele afirma que a glândula pineal tem a incumbência de fazer a ligação entre mente e corpo. E portanto, mediante esta glândula a mente influencia causalmente no mundo físico, bem como o mundo físico influi no mundo mental. Marques (1993, p. 102), em sua obra *Descartes e sua concepção de homem*, fala a respeito da causalidade de uma substância sobre a outra mediante a glândula pineal:

> [...] Para Descartes há uma causalidade do corpo, mais precisamente da glândula pineal sobre o espírito [...]. Dizer que uma coisa age sobre outra é dizer que a segunda recebe da primeira algumas de suas determinações e indica, também, que elas são ligadas uma à outra, ao mesmo tempo que concebidas independentemente. Ora, a independência ou a existência por si equivale à substância e, sendo assim, a união será das duas substâncias completas [...].

Percebe-se, pois, que Descartes está de acordo com a noção de interação entre a mente e o corpo. Há uma ligação entre as substâncias. E, embora seja de difícil compreensão a interação entre elas, uma vez que as propriedades da mente se diferem das propriedades do corpo, Descartes sustenta as duas noções: a distinção e a interação entre mente e corpo. Neste

---

[3] Não discutiremos aqui a verdade deste fato, pois, de acordo com o sistema cartesiano, por sentimentos não descobrimos a verdade das coisas. O verdadeiro é alcançado pela faculdade de conceber, não de sentir. As paixões não são prova de direito, nem demonstração da união substancial, se por critério de prova considerarmos percepções claras e distintas do entendimento. Mas são testemunhas da experiência sensível de que somos não apenas coisa pensante, mas uma totalidade mente-corpo.

caso, mente e corpo são totalmente diferentes, no entanto, a mente é causalmente eficaz no mundo físico.

2. CRÍTICAS AO DUALISMO CARTESIANO NA TEORIA DA IDENTIDADE

Como vimos no capítulo anterior, René Descartes sustenta tanto a noção de duas substâncias com propriedades distintas, como a noção de interação entre as duas substâncias. Esta primeira noção que diz respeito às duas substâncias totalmente diferentes, conforme exposta no primeiro capítulo, recebeu diversas críticas; e não só por parte de intelectuais da mesma época do filósofo francês, mas ainda nos dias de hoje muitos autores dedicam-se a analisar o tema expondo argumentos contrários ao dualismo de substância.

Estas críticas são apresentadas, amiúde, através de artigos relevantes. Por exemplo, o artigo do inglês Ullin T. Place *Is Consciousness a Brain-proceess?* (1956) inaugurou uma nova fase na discussão: a elaboração da teoria clássica da identidade. Diz-se nova fase porque anteriormente os textos *The Concept of Mind* (1949), de Gilbert Ryle, e *Philosophishe Untersuchungen* (1953), de L. Wittgenstein foram marcantes para discussão atual da filosofia da mente. Percebemos, então, que estes filósofos apresentam uma teoria contrária ao dualismo cartesiano, ela é conhecida por teoria da identidade. Esta teoria é compreendida como um tipo de monismo materialista ou fisicalista. A consciência, portanto, é suscetível a redução (fisicalismo reducionista) ou não (fisicalismo não-reducionista) de entidades físicas. Percebemos, pois, que o desejo da teoria da identidade é reduzir o mental ao físico. Para tanto, precisa-se de uma radical rejeição a teoria dualista que afirma a realidade da *res cogitans* e da *res extensa.*

As críticas apresentadas pelos filósofos contemporâneos da teoria da identidade tentam ofuscar o dualismo substancial tornando-o algo hilário. Vale ressaltar, que a teoria da identidade se divide em duas formas básicas: as teorias *type-identity* e *token-identity* [4]. "[...] as teorias *type-identity* são aquelas que afirmam serem os estados mentais idênticos aos estados neuronais de forma geral. [...] As teorias *token-identity* afirmam que há uma identidade entre estados mentais e estados neuronais, mas apenas num determinado tempo e pessoa [...]" (VIANA, 2016, p. 43). A partir das teorias *type-identity*, percebemos que cada estado mental é idêntico a um estado neuronal. O sentimento de dor, por exemplo, seria sempre idêntico à excitação da fibra C no cérebro. Já mediante as teorias *token-identity* compreendemos que quando Otávio sente uma determinada dor, ela seria idêntica a um determinado estado neuronal. A dor de Cássio, todavia, pode ter uma outra configuração neuronal, diferentemente

[4] *"Type"* e *"token"* são nomenclaturas da linguística (introduzidas por C. S. Pearce) para distinguir formas gerais (*types*) de ocorrências particulares (*tokens*) das palavras. Além disso, estas duas formas podem ser assim divididas: *type-type theory*, *type-token theory*, *token-token theory*.

da de Otávio, mas ambos teriam uma identidade entre seu estado mental e seu estado neuronal. Podemos, pois, inferir que a teoria da identidade não se reduz somente a uma teoria, ao contrário, existem muitas teorias que tentam fazer uma identificação entre mente e corpo. Por conseguinte, em última análise, não é errado afirmar que a teoria da identidade é na verdade "um conjunto de teorias fisicalistas".

De acordo com Churchland (2004, p. 52-53), "[...] *a teoria da identidade*, é a mais simples das diversas teorias materialistas da mente. Sua tese central é a própria simplicidade: os estados mentais *são* estados físicos do cérebro [...]". Ou seja, ela reduz o mental ao físico. Cada tipo de estado mental é uma e mesma coisa que algum tipo de estado neuronal no interior do cérebro.

> [...] Segundo essa teoria, certos eventos mentais como sensações e sentimentos, ao menos, nada mais são que eventos neurofisiológicos. Mais precisamente: nesses casos, cada ocorrência de um *certo tipo* de evento ou estado neurológico. O que chamamos de dor, por exemplo, seria, em termos fisiológicos, o mesmo que (suponhamos) a descarga de "fibras-C" no sistema nervoso central. A dor que eu sinto e a dor que você sente identificam-se a um mesmo tipo de evento que ocorre em nossos cérebros (COSTA, 2002, p. 219).

Portanto, segundo a teoria da identidade, há uma redução do mental ao físico que nesse caso é realizada através da identificação entre estados mentais e estados cerebrais. Esta tese da identidade foi desenvolvida em meados de 1950, surgindo em uma época na qual os estudos sobre o cérebro estavam recebendo cada vez mais atenção e o conhecimento nessa área, embora muito mais simples que o atual, já tinha avançado. A partir disso, foi possível estabelecer uma ligação um pouco mais acurada entre os chamados estados mentais e os estados cerebrais. E então se abriu espaço para que se estabelecesse não uma correlação, mas uma identificação entre tais estados. Até agora, não temos um conhecimento suficiente sobre o funcionamento do cérebro a fim de que possamos efetivamente estabelecer as identidades apropriadas. "[...] Ainda não possuímos uma neurociência desenvolvida, que nos permita dizer como o mental se identifica com o físico [...]" (COSTA, 2002, p. 223). Todavia, a teoria da identidade implica um comprometimento com a ideia de que a pesquisa acerca do cérebro irá um dia revelar as identidades entre o mundo mental e o mundo físico.

Abordaremos, então, a partir de agora, de forma um pouco mais detida, as críticas suscitadas no período contemporâneo mediante os dois filósofos da teoria da identidade: Gilbert Ryle e Ullin T. Place. Eles tentam mostrar que o mundo mental é idêntico ao mundo físico e que a teoria da identidade seria a melhor opção a seguir. Também trataremos da

insuficiência da teoria da identidade, pois a teoria perscruta a verdade do problema mente/corpo e é suscetível a falta de uma explicação satisfatória do problema.

2.1 A crítica de Gilbert Ryle

Percebemos que na teoria cartesiana existe uma primazia da mente, relativamente às "coisas" materiais, como o próprio corpo e os outros objetos físicos, em termos ontológicos e epistemológicos. O que dá origem a uma concepção de ser humano enquanto uma realidade dividida entre a mente e o corpo. A partir do momento em que Descartes verifica que o eu é uma "coisa pensante", a mente é entendida como uma substância distinta do corpo. Entende-se através das palavras de Gilbert Ryle: "uma pessoa vive, portanto, através de duas histórias colaterais, uma que consiste no que acontece no e ao seu corpo, outra que consiste no que acontece na e à sua mente". "[...] A primeira é pública, a segunda privada. Os acontecimentos da primeira história fazem parte do mundo físico, os da segunda são acontecimentos do mundo mental [...]" (RYLE, 2011, p. 13). Portanto, uma das diferenças, entre mente e corpo, é a crença de que a mente é um conjunto de eventos e processos privados que ocorrem apenas numa dimensão temporal, enquanto que o corpo é uma coisa pública cujos fenômenos estão situados no espaço e no tempo. Neste caso, segundo Gilbert Ryle, mente não é uma coisa fora do corpo.

Tendo em vista uma proposta de resolução do dualismo cartesiano, Ryle encontra aquilo a que chama *"erro categorial"*. Segundo este filósofo, Descartes estaria considerando a mente e o corpo como pertencendo a uma mesma categoria, ou seja, ambas são compreendidas como substâncias. O que teria originado a tendência para estabelecer, em termos lógicos, conjunções e disjunções entre a *"res cogitans"* e a *"res extensa"*. Para Ryle, as dimensões corporal e mental pertencem a diferentes categorias. Logo, não será razoável considerar uma dicotomia entre ambas. A frase "ocorrem processos mentais" não significa a mesma espécie de coisa que "ocorrem processos físicos", e, portanto não faz sentido fazer uma conjunção ou uma disjunção das duas. Assim, Ryle propõe que pensemos o corpo como uma unidade complexa e organizada, à semelhança da mente, embora esta última como uma substância e estrutura de espécie diferente. O filósofo procura refutar a doutrina cartesiana examinando os seus princípios: é nesta investigação que Ryle detecta o erro categorial. Diz Ryle:

> Espero provar que ela [a doutrina oficial] é inteiramente falsa, e falsa não em detalhe, mas em princípio. Não é meramente uma reunião de erros particulares. É um grande erro e um erro de gênero especial. É, designadamente, um erro categorial. Representa os fatos da vida mental como se eles pertencessem a um tipo ou categoria lógica (ou classe de tipos ou categorias) quando eles efetivamente pertencem a outra categoria (RYLE, 2000, p. 17).

A consequência mais imediata do "erro categorial", segundo Ryle, é a representação da pessoa enquanto um fantasma misteriosamente escondido numa máquina. Ou seja, a pessoa é entendida como uma *"res cogitans"* enigmática e oculta num corpo mecânico.

> O autor argumenta em *The Concept of Mind* que a doutrina oficial apoia-se em um mito, pois não tem um fundo explicativo evidente, sendo responsável por colocar um fantasma em uma máquina. O fantasma na linguagem ryleana seria a alma e a máquina o corpo humano. Estas duas partes do ser humano não são relacionadas pela doutrina oficial senão por relação causal duvidosa, segundo Ryle, na qual, para citar apenas um exemplo, uma substância imaterial causaria movimentos do corpo, sendo este material. Tomada por Ryle como uma afronta ao bom senso, a doutrina oficial é contraditória e merece ser substituída por seu conceito de mente, segundo o qual a mente humana não é uma substância, mas uma palavra que pode ser explicada dentre a realidade em termos de performances adequadas e aprendidas no âmbito da ação (SANTOS, 2009, p. 62).

Desta maneira, segundo Ryle, a teoria cartesiana não nos oferece uma explicação evidente acerca do problema mente/corpo. Entre a mente e o corpo há uma relação duvidosa. Para Ryle, a teoria de Descartes apoia-se em um mito. Ela é responsável por colocar um fantasma em uma máquina. Além disso, o que ocorre é que dualistas como Descartes postulam como em um mito dogmático que existem duas substâncias metafísicas que devem ser unidas ao final de um longo encadeamento de ideias, que ao fim aparecem como resultado de um argumento. No entanto, o que resulta é uma mistura errônea das categorias que representam os fatos da vida mental.

Uma vez que Ryle considera que a mente e o corpo não pertencem a uma única cartegoria, assim como critica que os processos mentais sejam pensados enquanto processos ocultos, o filósofo admite a possibilidade de haver uma expressão dos conteúdos mentais pelo corpo. Ou seja, na sua perspectiva, os conteúdos mentais tornam-se suscetíveis de pertencerem ao domínio público. O que resulta numa atitude behaviourista ou comportamentalista, na medida em que se procura defender que os conteúdos mentais são expressos pelo comportamento físico. No entanto, podemos dizer que é um comportamentalismo enfraquecido, porque os processos mentais podem ser manifestados

publicamente, mas não são redutíveis a estas manifestações.

2.2 A crítica de Ullin T. Place

De acordo com Ullin T. Place há certas condições sob as quais dois conjuntos de observações podem ser considerados como observações de um mesmo processo ao invés de observações de dois processos correlatos independentes. Estas são condições sob as quais tal identificação pode ser considerada uma "hipótese científica razoável" mesmo que não pautada em evidência lógica. Neste sentido, a hipótese de que estados mentais se identificam a um padrão de atividades cerebrais, embora não se paute em um raciocínio *a priori* do tipo A é igual a A, é perfeitamente aceitável. Segundo Matthews, se a identificação entre mente e cérebro é uma "hipótese científica", resta à filosofia somente uma função meramente negativa: "o objetivo de sua postulação está em provar que não existiriam argumentos filosóficos que permitiriam a alguém rejeitar a hipótese como logicamente impossível." (MATTHEWS, 2007, p. 37).

> Aqueles que se posicionam contra a tese da identidade o fazem embasados no argumento de que as expressões "consciência" e "processo cerebral" não têm o mesmo significado, ou seja, afirmam que o que significamos a respeito de um estado consciente pode não ter relação alguma com o cérebro em termos de sentido. Place concorda com isso, e aponta que em sua tese não está afirmando que sentenças sobre sensações são redutíveis ou analisáveis em sentenças sobre processos cerebrais e sim que a identificação da mente ao cérebro é uma hipótese científica razoável, portanto nem auto-contraditória, nem auto-evidente. É contingente, ou seja, possível (JATOBÁ, 2011, p. 66-67).

Ullin T. Place acredita na possibilidade de a mente ser idêntica ao cérebro, mas sabe que não é algo evidente. Pode ser possível a identificação, pois a identificação da mente ao cérebro é uma hipótese científica razoável. Nem auto-contraditória, nem auto-evidente. Desta forma, assim como existe a possibilidade de haver contradição, também existe a possibilidade de uma grande evidência. Sobre isto, ele afirma:

> [...] O que eu quero de fato asseverar, no entanto, é que o enunciado 'a consciência é um processo no cérebro', embora não seja necessariamente verdadeira, não é necessariamente falsa. 'A consciência é um processo no cérebro', segundo meu ponto de vista, não é nem autocontraditória nem auto-evidente; é uma hipótese científica razoável, do mesmo modo que o enunciado 'o relâmpago é um movimento de cargas elétricas' também é uma hipótese científica razoável (PLACE, 2011, p. 45).

Para entendermos melhor a teoria de Place tomemos como exemplo o argumento de Frege. Em seu artigo *Über Sinn und Bedeutung* (1892), sobre sentido e referência, ele afirma que enunciados com significados diferentes podem ter a mesma referência. Viana (2016, p. 42) apresenta claramente o exemplo utilizado por Frege:

> As expressões a) "estrela matutina" e b) "estrela vespertina" têm, certamente, sentidos diferentes, pois não podem ser substituídas uma pela outra indistintamente. Não posso, por exemplo, substituir b) por a) numa frase como "A estrela vespertina me traz um sentido de nostalgia". No entanto, ambas as expressões têm uma mesma referência no mundo real, isto é, o planeta vênus. O fato de que a relação $a=b$ foi descoberta apenas *a posteriori* demonstra que não é uma relação analítica do tipo $a=a$ ou $b=b$. Da mesma forma, estados mentais e estados neuronais teriam, sim, *sentidos* diversos (pois não se pode deduzir um do outro), mas uma mesma e única referência, isto é, processos químico-físicos ocorridos no cérebro.

Portanto, observamos que as duas expressões utilizadas por Frege ("estrela matutina" e "estrela vespertina") possuem sentidos distintos, no entanto, têm uma mesma referência (o planeta vênus). Assim também pensa Place, a expressão "consciência" não é a expressão "processo cerebral", mas se refere à mesma coisa. Embora estas expressões possuam significados totalmente diferentes, têm uma única referência.

Ele quer mostrar que não podemos inferir que duas expressões que apresentam significados desconectados não tem a possibilidade de se referir a um mesmo objeto. "[...] Dizer que enunciados sobre a consciência são enunciados sobre processos cerebrais é evidentemente falso [...]" (PLACE, 2011, p. 45). O que afirma, portanto, é que é falsa a afirmação de que a caracterização adequada de um mesmo estado de coisas depende de uma identidade lógica ou de significados. Por exemplo, não podemos afirmar que uma mesa não possa ser uma caixa velha simplesmente pelo fato de que não é contraditório supor que há uma mesa que não é uma caixa velha.

Além do exemplo da mesa Place utiliza de outro exemplo para corroborar a sua teoria. Ele então emprega a seguinte afirmação de identidade:

> [...] Uma nuvem é uma grande massa semitransparente com uma textura lanosa, suspensa na atmosfera, cuja forma está sujeita à mudança contínua e caleidoscópica. Quando observada bem de perto, entretanto, descobre-se que ela consiste de uma massa de minúsculas partículas, normalmente gotas d'água, em contínuo movimento. Com base nessa segunda observação, concluímos que uma nuvem é uma massa de minúsculas partículas e nada mais. Mas não existe uma conexão lógica na nossa linguagem entre uma nuvem e uma massa de minúsculas partículas; não há nada de autocontraditório em falar de uma nuvem que não é composta de minúsculas

> partículas em suspensão. Não há contradição envolvida em supor que as nuvens consistiriam de uma massa densa de tecido fibroso; de fato, uma tal consistência pode ser inferida a partir das várias funções realizadas pelas nuvens em histórias encantadas e na mitologia. Está claro então que os termos 'nuvem' e 'massa de minúsculas partículas em suspensão' significam coisas bastante diferentes. Entretanto, nós não concluímos, com base nisso, que deve haver duas coisas, a massa de partículas em suspensão e a nuvem [...] (PLACE, 2011, p. 46-47).

Evidentemente, percebe-se que a expressão "nuvem" tem um significado distinto da expressão "massa de minúsculas partículas em suspensão", pois são vistos de pontos de vista diferentes. Ou seja, quando vemos uma nuvem de longe não a vemos como um amontoado de partículas e sim pura e simplesmente como uma massa semitransparente e quando passamos pelo meio de uma nuvem a vemos como uma neblina, como um monte de gotículas de água flutuantes. A identificação entre os dois pontos de vista é feita posteriormente, pois não somos capazes de, sob um mesmo ponto de vista, ver a nuvem como partículas de água e uma massa semitransparente.

Mas Place logo percebe que seu exemplo não é completamente satisfatório no caso do problema mente/cérebro, pois a passagem, no caso da nuvem, de gotículas de água à massa semitransparente é fácil de compreender, mas a passagem da mente para o cérebro não pode ser feita nos mesmos termos. E então Place propõe por fim o exemplo do raio. O que entendemos por raio, como sabemos, identifica-se à descargas elétricas na atmosfera. "[...] Como no caso da consciência, por mais de perto que olharmos o relâmpago, nós nunca seremos capazes de observar as cargas elétricas [...]" (PLACE, 2011, p. 47). Precisa-se, pois, de um tipo de observação muito específica: a científica. O caso da identidade entre o cérebro e a mente seria como este, ela seria verificada por procedimentos científicos especiais. A partir do que podemos concluir que pelo fato de dois fenômenos estarem apartados em nosso pensamento não podemos concluir sua desconexão ontológica, pois a ciência possui aparato técnico para realizar observações para as quais não estamos naturalmente capacitados, e a observação que identifica mente e cérebro é uma delas.

Para ele a aceitação de processos internos não leva ao dualismo e é indispensável fundamentação lógica e, por isso, sua tese da identidade se mostraria satisfatória, pois estados cerebrais estariam literalmente em nosso interior e a identificação das experiências conscientes a eles, em oposição a uma explicação metafísica, ofereceria uma explicação científica plausível. Portanto, Place conclui que mente e cérebro são idênticos.

2.3 A insuficiência da teoria da identidade

Embora a teoria da identidade tenha apresentado sua posição acerca do problema mente/corpo e argumentado de forma clara a sua teoria, ela é insuficiente. Isto é, não nos oferece uma resposta convincente que seja capaz de solucionar de uma vez por todas o problema em discussão. Ela permanece na busca de respostas, não encontrando uma resolução satisfatória. Como percebemos, a teoria apoia-se numa "hipótese científica". Portanto, não passa de uma conjectura que possivelmente pode vir a ser verdadeira ou não. Além disso, a teoria da identidade "[...] deixa inexplicado o caráter *fenomenal* (qualitativo) e intrinsecamente *subjetivo* e perspectivista da consciência e de tudo o que é mental [...]" (COSTA, 2002, p. 221-222). Deste modo, a teoria não consegue explicar o que são os estados mentais: dor, desejo, prazer, sensações, opiniões, entre outros. Por mais que investigue o cérebro, ela nunca encontrará os estados mentais. Em outras palavras, mesmo que os teóricos da teoria da identidade insistam em perscrutar sobre a mente, não conseguirão ver os estados mentais como tal. Não poderão afirmar que viram a dor ou qualquer outro fenômeno mental. Por isso, encontram-se numa dificuldade de explicitação destes fenômenos.

Evidentemente, uma outra dificuldade da teoria da identidade é exatamente a de explicar a diferença que há entre a mente e o corpo. Pois, segundo a teoria dualista, as propriedades do mundo mental se diferem das propriedades do mundo físico. Neste aspecto, a teoria fisicalista não consegue dar uma resposta convincente, a fim de que a teoria dualista se torne definitivamente uma posição enganosa. Parece, portanto, que a dificuldade de explicar a diferença substancial é um grande empecilho para a teoria da identidade:

> [...] A introspecção revela um domínio de pensamentos, sensações e emoções, e não um domínio de impulsos eletroquímicos numa rede neuronal. As propriedades e os estados mentais, tais como revelados na introspecção, parecem radicalmente diferentes das propriedades e dos estados neurofisiológicos (CHURCHLAND, 2004, p. 57-58).

Pelo fato de não haver provas que afirmem que a mente não pode ser radicalmente diferente do corpo, a teoria da identidade se vê envolta de uma dificuldade de explicação do problema. Enquanto não existir provas que confirmem a identificação entre mente e corpo, a teoria fisicalista não poderá ser considerada uma teoria "detentora da verdade". Pois é inadmissível que qualquer teoria, mesmo que apresente "argumentos fascinantes", seja verídica só pelo fato de ser uma teoria de argumentos fascinantes. Se isto fosse admitido, cairíamos numa grande imprudência.

A mais poderosa objeção à teoria da identidade de tipo "[...] foi a da *múltipla realizabilidade*, inicialmente apresentada por Hilary Putnam. Segundo a teoria da identidade,

um estado mental como a dor teria sempre e em todo lugar a mesma realização neurofisiológica [...]" (COSTA, 2002, p. 223). Mas se é assim, se a dor é, suponhamos, a estimulação de "fibras-C", também os membros de outras espécies animais, quando sentem dor, devem tê-la realizada fisicamente como estimulação de "fibras-C". No peixe, por exemplo, não tem "fibras-C". Mas será que ele não tem dor? Se fosse assim, seria o mesmo que dizer que somente os seres humanos tem dor. Portanto, a realização da dor é múltipla.

> "[...] Se um ser vivo não possuir tais fibras, digamos, um peixe ou um extraterrestre, então deveremos concluir que ele não pode sentir dor, mesmo que ele se comporte como se sentisse dor. Mas essa parece ser uma exigência gratuita! Mais além, para uma versão generalizadora da teoria da identidade de tipo, um pensamento como 'Faz calor hoje em Natal' deve ter a *mesma* realização cerebral não só na mesma pessoa, cada vez que ela o pensa, mas em diferentes pessoas, com arquitetura e funcionamento neurofisiológico presumivelmente muito diverso" (COSTA, 2002, p. 223).

É notório, portanto, que a teoria da identidade apresenta algumas dificuldades. Estas dificuldades a impossibilita de ser considerada suficiente. Uma vez que não existem ainda mecanismos que corroborem a identificação entre as duas substâncias, cabe somente à teoria da identidade especular o problema em questão e aguardar uma possível resposta que seja condizente com a sua posição. Ela não é uma teoria pronta e não apresenta respostas verídicas sobre o problema. Não podemos afirmar que esta teoria, mediante as suas respostas, já solucionou o problema mente/corpo. Portanto, a teoria da identidade precisa esclarecer muitas coisas para ser considerada a "teoria da verdade".

3. TRÊS ARGUMENTOS PARA DISTINÇÃO ENTRE MENTE E CORPO

Percebemos ao longo da leitura deste trabalho que o dualismo cartesiano diz respeito à tese de que o ser humano é composto por duas substâncias: a mente e o corpo, sendo suas essências completamente distintas – o pensamento, no caso do espírito, e a extensão, no caso do corpo. Do ponto de vista dos seus atributos, os eventos mentais e os físicos pertencem a categorias distintas. A primeira consiste de atos de consciência; a segunda, de funções corporais. De acordo com a dicotomia físico-mental, podemos classificar os eventos humanos ou como modos do pensamento, ou como modos da extensão. Assim, ao considerarmos o corpo, defrontamo-nos com funções cerebrais ou de qualquer outro órgão da estrutura física do homem, as quais não dependem da consciência. Por outro lado, ao tratarmos da alma, a coisa que pensa, encontramos modos de pensar, os quais são elementos de natureza incorpórea. Nesta perspectiva, eventos mentais e eventos físicos podem ocorrer independentemente uns dos outros.

Hoje, para os fisicalistas, com os conhecimentos da neurologia e da ciência da mente, afirmar a independência da mente em relação ao físico, mais precisamente do cérebro, torna-se insustentável. O monismo procurou solucionar o problema ao tentar livrar-se de um destes domínios. O que o dualismo cartesiano tentou fazer foi encontrar uma explicação da relação entre estas ordens. Porém, se não há dois mundos diferentes, não há por que explicarmos a relação entre eles. É neste sentido que dizemos que o problema mente-corpo em Descartes, antes de ser um problema explicativo, é um problema ontológico: diz respeito à instituição da mente como uma entidade distinta e independente do corpo.

Como sabemos, a substância material se distancia da substância espiritual. Não é a mesma coisa. No entanto, mesmo sendo uma teoria relevante, afirmando a separação de mente e corpo, não deixa de ser passível de críticas. Ela é suscetível a inúmeras críticas, inclusive neste período contemporâneo. Pinheiro (2008, p. 43-44) explica a razão pela qual o dualismo cartesiano é passível de algumas críticas:

> [...] Podemos dizer que por críticas [...] uma especial dificuldade interna é levantada. Ela segue-se do problema da concepção de mente e diz respeito à interação mente-corpo, ou seja, em como o espírito pode causar movimentos no corpo e como o corpo pode provocar paixões na alma. Alegando a existência de duas substâncias completamente distintas, a relação entre duas coisas metafisicamente incompatíveis não é algo que se possa compreender e explicar satisfatoriamente.

Portanto, é preciso notar que a teoria cartesiana não é considerada como "detentora da verdade", pelo menos até agora não foi garantido este mérito ainda. Por isso, existem algumas posições contrárias à teoria dualista de Descartes. Neste caso, somente argumentos convincentes a favor da distinção entre mente e corpo podem confirmar a separação substancial e iluminar o caminho para uma possível verdade da afirmação dualista.

Podemos, pois, reconhecer ao menos três argumentos para a distinção entre mente e corpo nas obras de Descartes, que podemos denominar: "argumento da dúvida", "argumento da percepção clara e distinta" e "argumento da indivisibilidade da mente". Os argumentos tentam demonstrar que há uma separação de suma importância entre a substância mental e a substância material, sendo substâncias de condições diferentes. Por isso, faz-se necessária uma abordagem acerca destes argumentos. Com a leitura deste capítulo veremos que o "argumento da dúvida" tem como arrimo a indubitabilidade; o "argumento da percepção clara e distinta" sustenta a noção de duas substâncias que são percebidas distintamente; e o "argumento da indivisibilidade da mente", apoia-se na ideia de mente não-extensa.

3.1 O argumento da dúvida

O primeiro argumento que podemos identificar a respeito da distinção entre a mente e o corpo já fora apresentado no início deste texto, quando tratamos da mente na concepção cartesiana. Ele pode ser denominado de "Argumento da Dúvida", pois segue ao raciocínio da dúvida metódica, e, através dele, Descartes procura defender a imaterialidade da mente. Como vimos, ele aparece no *Discurso do Método*, sendo também reapresentado na "II Meditação". "[...] Embora a dúvida seja empregada na parte IV do *Discurso*, é mais plenamente utilizada junto com outros aspectos do método, na principal obra filosófica de Descartes, as *Meditações sobre a Filosofia primeira* [...]" (SKIRRY, 2010, p. 39-40). Diz Descartes (2000, p. 42-43):

> Suponho, então, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que nunca houve nada de tudo quanto minha memória repleta de mentiras me reapresenta; penso não ter nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas de ficções de meu espírito. O que então poderá ser considerado verdadeiro? [...] De sorte que, após ter pensado bem nisso e ter cuidadosamente examinado todas as coisas, é preciso enfim concluir e ter por constante que esta proposição, *Eu sou, eu existo,* é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito.

Embora Descartes ponha em suspensão todas as suas opiniões que outrora havia recebido, o "pensamento" permanece inexorável. Ou seja, a mente não se abala mediante a dúvida. Ela é diferente de todas as outras coisas que não resistiram à dúvida cartesiana. Segundo Descartes, a mente existe e se difere das coisas que são apresentadas como falsas. Neste caso, não pode haver uma identificação entre a mente e aquilo que é considerado duvidoso. Posso duvidar de que tenho um corpo, não posso duvidar de que existo enquanto eu duvidar (ou seja, pensar). "[...] Minha existência é uma condição necessária para a minha capacidade de duvidar e, consequentemente, a existência da dúvida implica a existência do sujeito ou 'eu' que duvida [...]" (SKIRRY, 2010, p. 48). Sendo assim, eu que duvido (ou seja, penso) não sou um corpo, porque, ao duvidar acerca do meu corpo, estaria duvidando acerca de mim mesmo. E ainda que não haja nenhum corpo no mundo, esta verdade subsiste: "eu sou uma coisa que pensa", e portanto, eu não sou um corpo.

Para o filósofo moderno, basta somente um motivo de dúvida até sutil e distante do senso comum para colocar em xeque as próprias certezas, mas que, por outro lado, um motivo de dúvida que seja verdadeiro, ou seja, ao menos pensável, deve sempre existir para poder duvidar.

> [...] Visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de crer nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que naquelas que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que aí encontrar bastará para fazer-me rejeitar todas. E para tanto não é preciso que eu examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, porque a ruína dos fundamentos arrasta necessariamente consigo todo resto do edifício, abordarei de início os princípios sobre os quais todas as minhas antigas crenças estavam apoiadas (DESCARTES, 2000, p. 30).

Descartes perscrutava a verdade absoluta mediante a sua dúvida metódica. "[...] A dúvida cartesiana visa, portanto, a busca do indubitável [...]" (SCRIBANO, 2007, p. 30). Não se pode acreditar naquilo que é dubitável, pois não oferece certeza. Em outras palavras, a dúvida combate todas as falsidades e almeja de forma insistente tudo aquilo que não é passível de dúvida. Estas falsidades, uma vez encontradas, são descartadas e esquecidas. Pois, segundo o filósofo francês, elas não são confiáveis e muito menos certezas.

> [...] É por meio da dúvida que Descartes se desincumbe da primeira tarefa desse projeto: a dúvida é a bola de ferro demolidora com que derruba todo o seu sistema de crenças no início da Parte IV do Discurso e na Primeira meditação. Ao realizar esta tarefa destrutiva do projeto, ele está também, em certa medida, seguindo a regra 3 do Discurso e a primeira parte da Regula 5,

> pois limpar sua mente de toda crença duvidosa permitirá que focalize as verdades mais simples absolutamente certas mais complexas [...] (SKIRRY, 2010, p. 40).

Desta maneira, percebemos que a tarefa de Descartes fora exatamente derrubar todas as suas crenças. Limpar a sua mente de todas as opiniões falsas. Ele almejou insistentemente pela conquista das verdades mais simples absolutamente certas. A mente fora uma verdade conquistada por Descartes.

Além desta conquista da verdade da mente, Descartes esclarece que a dubilidade concerne principalmente às coisas materiais. "[...] É das coisas materiais, de fato, que se deseja adquirir a ciência mais perfeita. Para esse objetivo, Descartes se dispõe a pôr em discussão as crenças aceitas anteriormente [...]" (SCRIBANO, 2007, p. 32). Quando ele coloca em suspensão todas estas crenças que havia recebido anteriormente, percebe que o corpo material é algo passível de dúvida, todavia, sendo a mente imaterial:

> Assim, a existência de meu próprio eu consciente é absolutamente indubitável. Diferentemente do corpo, ele é imune mesmo às extremas dúvidas que puderem ser arquitetadas. [...] Ele estabeleceu que posso duvidar da existência de meu corpo, mas não de minha mente ou de meu eu consciente (COTTINGHAM, 1999, p. 28).

Portanto, de acordo com Descartes, podemos inferir que a mente é diferente do corpo porque independe do mesmo para existir. A mente é indubitável, já o corpo é dubitável. Percebemos, pois, que Descartes compreende a mente como uma evidência e o corpo como algo passível de dúvida. O corpo não resiste à dúvida hiperbólica, ao passo que, o "eu consciente" é muito resistente à mesma. Esta resistência é o fator que faz com que Descartes estabeleça a sua teoria a favor de uma distinção entre mente e corpo. Se a mente não necessita de algo físico para existir, então ela independe de uma essência material. Consequentemente, a mente é isenta de qualquer base física e permanece viva mesmo com a presença da dúvida. Neste caso, podemos imaginar uma mente que não se identifica com o corpo. Ela é totalmente diferente desta substância material. Portanto, duvidoso é o corpo (coisa material) e este não é a mente (coisa espiritual).

3.2 O argumento da percepção clara e distinta

O argumento que diz respeito à natureza incorpórea da mente e da distinção entre a mente e corpo prometido por Descartes fora apresentado somente na "VI Meditação", porque

ele depende da demonstração da existência de Deus, apresentadas na "III Meditação" e "V Meditação". "[...] A doutrina cartesiana estabeleceu a existência de um criador bom e veraz que garantiu a verdade das percepções claras e distintas que possamos conceber, as quais são o critério de distinção entre a mente e o corpo neste argumento [...]" (PINHEIRO, 2008, p. 36) [5]. O recurso a Deus é feito para validar as percepções claras e distintas, isto é, garantir a objetividade de percepções subjetivas. Portanto, Deus dá o seu consentimento para proceder da clareza subjetiva para a verdade objetiva. Ou seja, Deus aparece na ordem das razões das meditações para assegurar que o que pensamos claramente e distintamente, isto é, aquilo que é uma certeza subjetiva, tem fundamento objetivo; tem validade não somente no âmbito dos conteúdos mentais, mas também no mundo objetivo. Ora, se Deus é onipotente, então ele pode fazer com que a ideia que é percebida clara e distintamente, isto é, que é verdadeira, corresponda a uma entidade exterior ao pensamento. A razão por si só não pode assegurar que nossas percepções claras e distintas, mesmo sendo certezas, tenham correspondência com a realidade fora da mente, isto é, nada garante que as ideias que temos sejam semelhantes às coisas que elas representam.

Além disso, segundo o sistema cartesiano, a mente e o corpo são substâncias diferentes, porque é possível ter uma concepção de um e de outro através de um conjunto totalmente separado de atributos perceptíveis clara e distintamente. Tendo assegurada por Deus a verdade das percepções claras e distintas, Descartes apresentou o argumento da distinção entre a mente e corpo, geralmente conhecido como o *Argumento da Percepção Clara e Distinta:*

> Primeiramente, porque sei que todas as coisas que concebo clara e distintamente podem ser produzidas por Deus tais como as concebo, basta que eu possa conceber clara e distintamente uma coisa sem uma outra para estar certo de que uma é distinta ou diferente da outra, porque podem ser postas separadamente, ao menos pela onipotência de Deus. [...] E, portanto, pelo próprio fato de que eu conheço com certeza que existo, e que, no entanto, não noto que pertença necessariamente nenhuma outra coisa à minha natureza ou à minha essência consiste apenas nisto: sou uma coisa que pensa, ou uma substância cuja essência toda ou natureza é somente pensar. E, embora, talvez (ou melhor, certamente, como logo direi) eu tenha um corpo ao qual sou muito estreitamente conjunto, não obstante, porque de um lado tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa e não extensa, e que, do outro, tenha uma ideia distinta do corpo, na medida em que ele é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que esse eu, ou seja, minha alma, pela qual sou o que

[5] Descartes chama "clareza" à evidência, à presença, à manifestação da própria coisa. E a "distinção" – o distinguir-se das outras coisas – pertence à essência da evidência, já que "evidente" é apenas aquilo que não se confunde com outra coisa.

> sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e pode ser ou existir sem ele (DESCARTES, 2000, p. 117-118).

Ainda mais:

> [...] Encontro em mim faculdades de pensar muito particulares e distintas de mim, a saber, as faculdades de imaginar e de sentir. [...] Reconheço também em mim algumas outras faculdades, como mudar de lugar, de colocar-me em várias posturas, e outras semelhantes, que não podem ser concebidas, não mais que as precedentes, sem alguma substância a que estejam ligadas, nem, por conseguinte, existir sem elas [...] (DESCARTES, 2000, p. 118-119).

Desta maneira, de um lado temos a concepção clara e distinta da alma (ou mente) como coisa pensante e não-extensa; de outro a do corpo como uma coisa extensa e não-pensante. Coisas extensas, como vimos anteriormente, é tudo aquilo que ocupa lugar no espaço e suas medidas podem ser quantificadas. A característica definidora do corpo é a extensão em comprimento, largura e profundidade. Já a mente, diferentemente do corpo, tem como principal função pensar. Nela não há extensão. Por isso, podemos perceber uma concepção clara e distinta do corpo e outra concepção clara e distinta da mente. Portanto, de acordo com Cottingham (1999, p. 35) podemos chegar a seguinte inferência:

> [...] Se posso entender claramente a noção de mente sem referência a qualquer coisa extensa, e se posso entender claramente a noção de corpo sem referência a qualquer coisa consciente, então é logicamente possível que a mente pudesse existir separada do corpo. Nos termos de Descartes, "são *capazes* de ser separados, por Deus, pelo menos". E se *podem* existir separados, então a mente não depende do corpo para sua existência e, portanto, o corpo não é parte de sua natureza essencial.

Para a doutrina cartesiana, se concebo clara e distintamente a mente e, da mesma forma, concebo o corpo, então mente e corpo são realmente distintos, isto é, podem ser separados, pelo menos pela onipotência divina. "[...] E isto significa, na perspectiva cartesiana, que a mente pode existir sem o corpo e que o corpo não é parte essencial da natureza da alma [...]" (PINHEIRO, 2008, p. 38). Por ocasião do argumento da dúvida, Descartes admitiu que poderia haver propriedades dentro de si mesmo – enquanto coisa pensante –, as quais ele mesmo não tivesse percebido. No entanto, agora a doutrina cartesiana esclarece que sua concepção de mente é de uma "coisa completa", isto é, de uma substância, visto que podemos concebê-la por si só (com estas propriedades e nenhuma outra).

Embora possamos ter uma percepção clara e distinta da mente sem o corpo e, da mesma forma, podemos ter uma concepção do corpo sem qualquer referência à mente, ainda assim é possível afirmar que, a partir disso, segue-se uma distinção entre eles, isto é, que corpo e mente podem existir separados, mesmo que seja pela onipotência divina? Em outras palavras, não obstante a concepção distinta da mente e do corpo, poderia a mente existir sem algum substrato físico, por exemplo, o cérebro? Para Descartes sim. E, este argumento apresentado por ele sustenta a noção de dualidade substancial. Além disso, apesar das críticas voltadas para o filósofo moderno, não existe uma abolição do posicionamento cartesiano. A distinção permanecerá enquanto não for provada uma possível identificação entre mente e corpo. E a teoria cartesiana vai se desviando de todas as críticas voltadas a ela.

Descartes, desta forma, crer numa separação entre as duas substâncias. "[...] A crença na diferença da mente e do corpo ainda permite a Descartes apresentar um outro argumento, que aparece também na 'VI Meditação' [...]" (PINHEIRO, 2008, p. 40).

3.3 O argumento da indivisibilidade da mente

A percepção clara e distinta da mente como algo não-extenso e do corpo como uma coisa extensa permite que Descartes defina estas duas coisas em termos exclusivos. O exame das coisas materiais e, mais precisamente da extensão, implica que o corpo seja divisível, ao passo que a mente, por sua natureza simples, seja indivisível. Para ele, a mente não contem nenhum tipo de matéria. Por esta razão, ela será sempre indivisível. Não podemos tocar na mente, pois é algo imaterial. Portanto, o "argumento da indivisibilidade da mente" é pertinente no que tange o problema mente/corpo. Neste caso, "[...] Descartes tem ainda uma carta na manga para defender a distinção entre mente e corpo [...]" (COTTINGHAM, 1999, p. 37). Ele defende o seu posicionamento mesmo diante de tantas críticas voltadas à sua teoria dualista. Para Descartes, uma vez que a função da substância espiritual é pensar, dificilmente a compreenderemos como algo divisível. Ela é, por conseguinte, sempre indivisível. Vejamos o argumento:

> [...] Observo aqui, primeiramente, que há uma grande diferença entre o espírito e o corpo, pelo fato de o corpo, por sua natureza, ser sempre divisível e de o espírito ser inteiramente indivisível. Pois, com efeito, quando considero meu espírito, ou seja, eu mesmo na medida em que sou somente uma coisa que pensa, nele não posso distinguir nenhuma parte, mas concebo-me como uma coisa única e inteira. E, conquanto todo o espírito pareça estar unido, estando separados de meu corpo um pé, ou um braço, ou alguma

> outra parte, é certo que nem por isso haverá algo suprimido de meu espírito [...] (DESCARTES, 2000, p. 128-129).

Descartes observa a distinção entre mente e corpo. Esta distinção faz com que o filósofo moderno considere a sua mente algo inteiramente indivisível, isto é, não podendo ser partido ao meio ou em muitas partes. "[...] Descartes alega que, ao recorrer à introspecção, ele descobre que a mente não tem partes, que não é possível conceber a metade de um espírito, mas que é possível conceber a metade de um corpo [...]" (PINHEIRO, 2008, p. 41). O "eu pensante" é concebido como uma coisa única e, embora esteja unido ao corpo, mesmo com a perda de algum membro do corpo, o "eu pensante" não terá nada suprimido de si. Ele não será algo espúrio. Mesmo perdendo qualquer membro do corpo, a "coisa pensante" ficará intacta. Neste caso, para Descartes, aqueles que considerarem a mente (coisa pensante) como algo divisível estarão caindo em um grande erro. Pois a mente não é imbuída ou cumulada de substrato físico. Ela é puro pensamento.

Vários críticos da doutrina cartesiana acreditam que existe fraqueza neste argumento, e é muito fácil reconhecermos porque, principalmente pelas últimas linhas, quando Descartes alega que mesmo que qualquer parte do corpo fosse retirada, nada mudaria na mente. Mas, e se tirássemos o cérebro? Ou mesmo se algum dano neurológico nos ocorresse? Manteríamos comumente nossas funções mentais? Hoje sabemos que fenômenos e acontecimentos tais como: amnésia, doenças degenerativas, traumatismo craniano, entre outros, causam deterioração mental e, mais do que isso, que a destruição total do sistema nervoso central leva ao aniquilamento total da mente. Porém, diz Cottingham (1999, p. 38):

> Os argumentos de Descartes, falhos como possam ser, são bem-sucedidos ao sublinharem um fato importante acerca dos fenômenos mentais: a linguagem quantitativa da física, envolvendo termos como tamanho, figura, extensão, movimento etc. parece completamente inadequada para descrever a dimensão interna de nossa vida mental. E é essa dimensão subjetiva que faz com que muitos filósofos modernos retenham o que poderia ser chamado uma queda "quase-cartesiana", mesmo que tenham pouca afinidade com a noção de substâncias espirituais independentes. Não importa o quão completa venha a ser nossa ciência física, será ela algum dia capaz de englobar o que quer dizer cheirar como grama recém-cortada ou ter gosto de framboesa ou ouvir a gaita de foles? Tais impressões qualitativas subjetivas, ou "qualia" no jargão atual, são sentidas por muitos como destinadas a eternamente se esquivar mesmo das garras da mais avançada física que pudermos imaginar.

Embora existam muitas críticas, os argumentos cartesianos são relevantes no que diz respeito aos fenômenos mentais. Não há, portanto, uma queda "quase-cartesiana". Como

sabemos, a nossa ciência física ainda não conseguiu explicitar as experiências subjetivas, ou seja, não ofereceu uma explicação acerca destes fenômenos mentais. Percebemos que, de fato, os argumentos cartesianos podem ser considerados ainda como verídicos, mesmo havendo posições contrárias. Não obstante tenhamos uma física avançada, não há explicações satisfatórias acerca das experiências subjetivas. A ciência não explica o fenômeno chamado dor, bem como os demais fenômenos subjetivos. Pois são intrinsicamente ligados à mente. Portanto, a falta de explicação destes fenômenos é a fraqueza da ciência física.

Descartes acredita que certos modos de pensar não estão desvinculados de processos corporais, como, por exemplo, nossas sensações. Apesar de a doutrina cartesiana afirmar que as paixões são causadas pelos movimentos dos nervos, ela procura sustentar exatamente a irredutibilidade dos eventos mentais a processos materiais, isto é, que a mente, bem como toda a gama de pensamentos que possa ter, não pode ser identificada com o cérebro ou partes do mesmo, e que se possa, um dia, com todos os avanços em estudos das atividades cerebrais que se possa chegar, descrever adequadamente o que sejam nossas percepções subjetivas. Em outras palavras, podemos entender o seguinte:

> [...] A intuição cartesiana é de que essas impressões qualitativas, que hoje chamamos qualia, nunca poderão ser redutíveis a processos eletro-químicos e neuronais, pois algo subjetivo sempre escapará da compreensão objetiva que se pode ter destes processos. Quanto a isso, podemos perceber que a irredutibilidade da mente ao cérebro não significa necessariamente a sua independência em relação a ele, e até aqui alguns filósofos podem concordar. (PINHEIRO, 2008, p. 42).

Portanto, segundo a teoria cartesiana, não se pode conceber uma redução da mente ao físico, ou seja, não podemos compreender a mente como algo material. A mente não pode ser idêntica ao corpo. Ela é verdadeira, distinta do corpo e indivisível. A sua irredutibilidade ao corpo não quer dizer que seja necessariamente independente em relação ao cérebro, mas pode existir sem ele. A mente não se divide como o corpo. Ela é, portanto, uma coisa não divisível e se difere do corpo que é pura matéria. Uma vez que é uma "coisa pensante", não pode ser compreendida também como uma "coisa extensa". Não pode ser ao mesmo tempo as duas substâncias. Pois, para Descartes, como vimos, a mente será sempre indivisível, ao passo que, o corpo será divisível. E, portanto, são substâncias de propriedades distintas.

CONCLUSÃO

Podemos concluir, portanto, que compreender a concepção cartesiana acerca da distinção entre mente e corpo, as críticas levantadas ao dualismo cartesiano e os argumentos que confirmam a distinção entre mente e corpo era o objetivo geral desta pesquisa. Para tanto, a análise das concepções de mente e de corpo na doutrina cartesiana e a interação entre estas duas substâncias, segundo Descartes, foi nossa principal tarefa no labor deste trabalho. Esta análise nos permitiu definir mente e corpo como substâncias diferentes, bem como relacionadas entre si. Percebemos, portanto, que Descartes desenvolveu uma nova forma de pensar. Ele ressignificou o debate sobre a mente e o corpo que surgiu no período antigo. Em outras palavras, o filósofo moderno retomou a reflexão sobre a natureza, distinção e interação entre a mente e o corpo estabelecendo não somente a noção de distinção entre mente e corpo, mas também a noção de interação entre ambas as substâncias.

Esta distinção estabelecida por Descartes se fez presente em várias discursões filosóficas, com muitas críticas e respostas para tal questão. Embora Descartes tenha apresentado um importante dualismo, alguns filósofos não aceitaram a posição cartesiana. A principal causa desta rejeição foi exatamente a dificuldade de explicação no que tange à influência da substância imaterial na substância material. Portanto, a partir da apresentação de Descartes nasceu uma posição contrária: a teoria da identidade. Esta nova posição sustenta um monismo fisicalista, afirmando que não há diferença entre mente e corpo. Para ela, mente e corpo são idênticos. Os eventos mentais são idênticos aos eventos neuronais. E, os filósofos Gilbert Ryle e Ullin T. Place salvaguardam esta identidade entre mente e corpo, apontando críticas ao dualismo de Descartes. O primeiro afirmou que existe simplesmente um "erro categorial", ou seja, Descartes estaria considerando a mente e o corpo como pertencendo a uma mesma categoria. O segundo frisou que expressões que apresentam significados desconectados tem a possibilidade de se referirem a um mesmo objeto, ou seja, a expressão "consciência" pode ter a mesma referência da expressão "cérebro". Percebemos, pois, que estes filósofos fisicalistas defendem a teoria da identidade e buscam provar que esta posição é a verdadeira. Entretanto, os argumentos dos filósofos da teoria da identidade não são suficientemente convincentes e verídicos, pois não resolvem o problema mente/corpo. Por conseguinte, identificamos uma insuficiência na teoria da identidade: a dificuldade no que se refere à explicação dos fenômenos mentais.

Desta maneira, foi possível apresentar os três argumentos a favor do dualismo cartesiano: "o argumento da dúvida", "o argumento da percepção clara e distinta" e "o

argumento da indivisibilidade da mente", a fim de responder às críticas ao dualismo. Estes elucidam a distinção cartesiana e confirmam tudo aquilo que Descartes acenava como verdadeiro. O primeiro argumento nos assegurou a dubitabilidade da mente, ou seja, apresentou-nos a mente como resistente à dúvida metódica. O segundo argumento ressaltou a percepção clara e distinta da mente, bem como a percepção clara e distinta do corpo. O terceiro argumento reforçou a indivisibilidade da mente, afirmando que a mente é diferente do corpo pelo fato de ser indivisível.

Além disso, podemos dizer que este estudo nos permitiu reconhecer a relevância da distinção entre mente e corpo no sistema cartesiano. Pudemos, pois, observar que a teoria cartesiana não é isenta de falhas, mas parece caminhar com maior equilíbrio e segurança no que se refere ao problema mente/corpo. Compreendemos que analisar este problema a partir da posição cartesiana nos permite estar mais bem instrumentalizados para a investigação filosófica. O dualismo cartesiano, de fato, posiciona-se com muita força e oferece argumentos relevantes. Precisamos notar que estamos caminhando para uma grande resolução de um dos maiores problemas da história da Filosofia. Portanto, nosso estudo acerca da distinção substancial descobriu que não chegamos ao seu fim, mas tão somente ao seu começo.

REFERÊNCIAS

CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência:** uma introdução contemporânea à filosofia da mente. Tradução Maria Clara Cescato. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COSTA, Claudio. **Uma introdução contemporânea à filosofia.** – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COSTA, Mônica Baptista. **A concepção platônica da alma.** Departamento de Filosofia, 2008. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ctch/fil/fil_monicabc.pdf>. Acesso em: 6 out. 2016.

COTTINGHAM, John. **Dicionário de Filósofos:** Dicionário Descartes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **A filosofia da mente de Descartes**. Trad. Jesus de Paula Assis. São Paulo: UNESP, 1999. (Coleção Grandes Filósofos).

DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. São Paulo: HEMUS – Livraria Editora Ltda, 1968.

_____. **Meditações Metafísicas**. Trad. Homero Santiago e Maria Ermantina Galvão. – São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (clássicos).

HEIL, J. **Filosofia da mente**: uma introdução contemporânea. Tradução Rui Pacheco. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

JATOBÁ, Jessyca Eiras. **Teoria da identidade e eliminativismo:** duas alternativas contemporâneas ao problema do dualismo. Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, V. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/JessycaEirasJatoba.pdf >. Acesso em: 9 set. 2016.

MARQUES, Jordino. **Descartes e sua concepção de homem.** São Paulo: Loyola, 1993. V. 25. (Colcção filosofia).

MATTHEWS, E. **Mente:** conceitos-chave em filosofia. Tradução Michelle Tse. São Paulo: Artmed, 2007.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia:** Os Filósofos do Ocidente. 8 ed. São Paulo: Paulus, 1981. V. 2. (coleção filosofia).

PINHEIRO, Juliana da Silveira. **Paixões na doutrina cartesiana.** Dissertação de mestrado, Departamento de filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90887/247305.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2016.

PLACE, Ullin T. **É a consciência um processo cerebral?.** Original: PLACE, U.T (1956), "Is Consciousness a Brain Process?". Reimpressão preparada por Osvaldo Pessoa Jr. para a disciplina TCFC3 – Filosofia das Ciências Neurais, FFLCH-USP, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/UTPlace-Port-3.pdf>. Acesso em: 22 out. 2016.

RYLE, Gilbert. **The Concept of Mind.** Londres: Penguin Books, 2000.

_____. **O mito de Descartes.** Adaptação de Osvaldo Pessoa Jr. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Ryle-Mito-Descartes-2.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.

SANTOS, João Luis da Silva. **O erro categorial de Gilbert Ryle:** um argumento a favor da filosofia holística. Jlsilvasantos@bol.com.br. São Paulo, n. 1, janeiro - junho, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Wellington/Downloads/5810-14091-1-SM%20(1).pdf>. Acesso em: 26 out. 2016.

SCRIBANO, Emanuela. **Guia para leitura das Meditações metafísicas de Descartes.** São Paulo: Loyola, 2007.

SKIRRY, Justin. **Compreender Descartes.** Petrópolis: Vozes, 2010.

VIANA, Wellistony C. **Hans Jonas e a filosofia da mente.** São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Ethos.